

NA LUTA PELA REVOLUÇÃO E O COMUNISMO,

RUMO AD III CONGRESSO

Convocatória do III Congresso
do PRC

O Comitê Central do PRC convocou o III Congresso do Partido. Através desta Convocatória, ele define e torna públicas as grandes preocupações que deverão nortear o Congresso. São preocupações que não dizem respeito apenas ao PRC, mas ao futuro da revolução e do ideal comunista. Daí porque o envolvimento no debate, dever prioritário dos militantes do Partido, se apresenta como uma necessidade e uma possibilidade que transcende de muito as nossas fronteiras.

Janeiro de 1987

O Comitê Central do PRC

"São tão fortes as coisas!

Mas eu não sou as coisas e me revolto".

Carlos Drummond de Andrade

I - O PATRIMÔNIO DA NOSSA EXPERIÊNCIA

O Partido Revolucionário Comunista, três anos após a sua fundação, prepara-se para realizar o seu III Congresso. São fundamentais os temas a tratar. Permanecem sem esclarecimento as grandes questões teóricas e estratégicas da Revolução brasileira. Conseqüentemente, as elaborações táticas para os enfrentamentos na luta de classes não respondem à dimensão das exigências postas pelo capitalismo contemporâneo.

Embora tenhamos acumulado uma razoável experiência política, estamos longe de cumprir o objetivo a que nos propomos: o de construir o partido de Vanguarda do proletariado no Brasil. Aprendemos muito, crescemos e amadurecemos, mas nosso papel dependerá da compreensão que teremos de alcançar para responder aos desafios da ~~luta~~ ^{Luta revolucionária, E. de imediato,} dependerá de nossa contribuição para criar uma base de massas, com cerne proletário e socialista, que se constitua em um campo político antagônico à hegemonia burguesa, em todos os níveis da vida social.

Nossa presença nos embates mais importantes da ~~luta~~ ^{vida} política nos fez reconhecer a insuficiente teorização da questão do partido. Constatamos as nossas limitações para desenvolver uma militância organizada e mesmo ~~o com-~~ ^{o com-} ~~batê ao~~ ^{batê ao} espontaneísmo. Na luta pela construção do partido, não tivemos condições de ganhar milhares de operários, ~~trabalhadores~~ trabalhadores do campo, estudantes e intelectuais revolucionários para as nossas posições. Às dúvidas colocadas pelos operários avançados respondemos muitas vezes com as nossas próprias dúvidas; a diversas inquietações e críticas de todo um contingente de revolucionários sem partido só pudemos responder com as nossas próprias críticas e inquietações. Sofremos, também, a cobrança daqueles que, justamente, não desejam que nosso projeto ~~seja~~ ^{seja} ~~descami-~~ ^{venverde pelos!} nhos das seitas que transformam os integrantes de partidos clandestinos em frequentadores de círculos "especiais" isolados, desenraizados dos centros ~~mais importantes~~ mais importantes na luta de classes. Em linhas gerais, constatamos uma contradição latente em nosso processo de construção. Uma contradição expressa pelo esforço de elaborar uma concepção de vanguarda, aberta às contribuições ~~da~~ da modernidade, e, por outro lado,

a tendência à efetivação de uma prática militante ainda estreita, acossada simultaneamente pelo ativismo embrutecido e pela frouxidão organizativa ~~de~~ desagregadora.

Estas debilidades não impediram que nos tornássemos uma referência combativa, com alguma influência política em frentes importantes da luta de classes, embora longe de formar uma forte vanguarda comunista, capaz de disputar com a burguesia a influência política e ideológica em larga escala e de contribuir amplamente para que os operários avançados adquiram uma consciência revolucionária e socialista.

Jamais tivemos a ilusão de que estas tarefas seriam fáceis ou mesmo de que seriam cumpridas sem consideração pelas condições objetivas. Mas, também, não tínhamos clareza sobre a magnitude das questões teóricas e práticas que nos esperavam, na época do capitalismo monopolista, em que a burguesia utiliza métodos poderosos e sofisticados de dominação, num período histórico de desgaste do ideal comunista e da própria idéia da revolução proletária.

Os problemas fundamentais da Revolução brasileira, sua teoria e sua estratégia, são desafios que faremos todo o esforço para responder. Com este objetivo, abrimos não só um profundo debate interno em nosso ~~Partido~~ ^{Partido}, mas também queremos contar com a participação de todos os revolucionários comunistas, dos intelectuais revolucionários independentes, dos operários avançados e sem ~~partido~~, para estudar ^{nos} debater ^{nos} e promover ^{nos} a ação política unitária, como base concreta para o ~~desenvolvimento~~ ^{desenvolvimento} das construções teóricas necessárias à Revolução.

À necessidade de envolver todo o coletivo partidário, soma-se, como um elemento decisivo, a participação, neste processo, de um sem número de revolucionários que não pertencem ao PRC, mas que compartilham das preocupações que ora expomos.

II - A INSUFICIÊNCIA DA NOSSA ELABORAÇÃO TÁTICA

Ao longo dos seus três anos de existência, o conjunto do Partido, a começar pelo seu Comitê Central, não soube responder à altura muitas questões decisivas da conjuntura. Para isso, concorreram diversos fatores: os equívocos de fundo do I Congresso; a insuficiência tática do II Congresso que, sem deixar de representar um avanço, não apreendeu toda a complexidade da luta nas condições da transição burguesa-conservadora; as debilidades políticas do militante médio do ~~Partido~~ ^{Partido} e dos seus órgãos de direção intermediária; a fraca estrutura partidária; as carências materiais e de

infra-estrutura, entre outros elementos que impossibilitaram, inclusive, uma maior circulação da experiência partidária que permitiria uma elevação de nossa práxis.

A transição burguesa-conservadora, este gigantesco movimento para manter a dominação de classe e, ao mesmo tempo, esta elaboração consciente da política burguesa, não foi apanhada por nós em todas as suas dimensões. Não só não compreendemos a fundo o papel poderoso da manipulação eletrônica na consciência do povo, agregada à manutenção da violência policial e da ação dos inúmeros órgãos de repressão do Estado, como também não percebemos com toda a clareza que, no interior da resistência à ditadura, foram educados quadros competentes, intelectuais e políticos, para sustentar "civilizadamente" a exploração e a opressão.

Com carências de fundo, nossa elaboração tática restringiu-se, muitas vezes, à interpretação do momento e às orientações de caráter imediato. Por isso, se é verdade que fizemos um esforço permanente para compreender o processo da transição, não conseguimos elaborar uma política capaz de polarizar parcelas significativas das classes populares. Ainda assim, graças a acertos parciais e à disposição e seriedade de inúmeros quadros e militantes, fomos capazes de evitar o isolamento e até mesmo de ampliar algumas posições.

III - A ENORMIDADE DE NOSSAS TAREFAS

Atualmente, as idéias das classes dominantes se reproduzem enquanto idéia dominante através de formas e meios extremamente mais complexos. Os bolcheviques, por exemplo, enfrentaram, além da repressão policial, aparelhos especiais de dominação como a imprensa escrita e a escola elitizada. Hoje, não só enfrentamos os mesmos mecanismos muito mais elaborados, como também a televisão, a informática, o processo de geração de um culto a hábitos artificiais e alienantes, bem como a formação de uma elite intelectual e científica integrada à democracia dos monopólios. A cooptação pela universidade, que ocorre em escala mundial, da ampla maioria da intelectualidade, e a sujeição desta às demais instituições e aparatos da sociedade burguesa ocorre massivamente em nosso país, onde a maioria dos escritores, artistas e ideólogos apóiam a transição conservadora e a política cultural da "Nova República". A dominação de classe flui pelo processo de trabalho, expande-se pelo domínio espiritual que a burguesia se empenha em promover e consolidar, e é garantida pelo poder de repressão do Estado.

O partido que não compreender estas novas (e velhas) questões e as suas

conseqüências políticas, culturais e ideológicas não estará em condições de alcançar uma praxis revolucionária. Neste sentido, é preciso perguntar: como disputaremos para vencer, uma vez que nos será de todo impossível ^{contar com} os mesmos meios materiais e condições à disposição dos dominadores? Como construir uma rede de aparatos de conteúdo operário e socialista e criar uma forte estrutura, parte clandestina, parte legal, a serviço da Revolução? Como reproduzir de forma ampliada os valores do socialismo e do comunismo? Como contrapor ^{nos} aos valores da concorrência, do individualismo burguês, e oferecer como alternativa um conceito elevado e humano de felicidade? Como construir uma concepção que se apresente como alternativa à fragmentação das relações entre os indivíduos, que se afirme na perseguição de valores morais capazes de superar a hipocrisia característica da moral burguesa, ao mesmo tempo em que negue a valorização de uma ética submissa às necessidades naturais? Como contribuir praticamente para a superação dos preconceitos disseminados socialmente, e presentes no próprio PRC, afastando a dimensão conservadora na atividade daqueles cujo compromisso com ~~os ideais de comunismo~~ ^{os ideais de comunismo} se detém às portas de suas casas ou, mais restritamente, à beira de seus leitos?

Está claro, como sempre esteve, que é preciso elevar à condição de homens de ação e pensamento os melhores filhos do povo. O que se coloca de forma vigorosa hoje é que a idéia da Revolução e da própria capacidade dos homens mudarem o seu destino encontra-se sob fogo cerrado. O conformismo há muito deixou de ser um refúgio apropriado aos céticos ou aos covardes para se apresentar como um estilo de vida.

Entretanto, se tudo isto conforma dificuldades inéditas, também é certo que esta mesma sociedade não deixou, nem deixará, de engendrar potencialidades enormes que estarão à disposição do futuro propriamente humano que haveremos de construir. Além disso, podemos afirmar que, em meio a toda a miséria da existência do capitalismo no Brasil, se fortalece um proletariado jovem e combativo já com uma importante experiência de luta organizada; um campesinato cujos setores mais radicalizados não vacilam em ir às armas na defesa da vida e da dignidade; um conjunto de lutas populares ainda dispersas mas significativas; um movimento de crítica e de contestação aos preconceitos e aos valores da sociedade burguesa e uma esquerda revolucionária que amadurece e procura se unificar na luta contra o inimigo comum. Estes e outros elementos nos autorizam a acreditar na possibilidade de uma saída revolucionária; possibilidade que, por sua vez, confere um sentido às nossas vidas.

IV - OS DILEMAS DO COMUNISMO HOJE

No início do século, e mesmo até a II Guerra Mundial, a luta pelo comunismo empolgava milhões de trabalhadores, de intelectuais e estudantes revolucionários. O marxismo hoje, reduzido à condição de dogma e verdade oficial nos países do Leste Europeu, tomado uma inflexão "positivista de esquerda" e, como filosofia, uma escolástica do "Socialismo Real" - o marxismo vivo, rico e criador de Marx e Engels, de Lênin, de Trotsky e Rosa Luxemburgo, de Gramsci e Lukács - emigrou, no Ocidente, do terreno da luta de classes para a universidade burguesa. Ali, castrado do seu potencial revolucionário, tomado como um simples "método" e agregado à sociologia vulgar, o marxismo tornou-se "incompatível" com o leninismo, perdeu ~~seu~~ ~~seu~~ a sua característica de "guia para a ação", instrumento da construção do novo homem e da revolução, elemento integrante da praxis ~~transformadora~~ ^{transformadora}.

Paralelamente, a idéia velha de ^{que} a democracia burguesa - hoje na sua forma de "democracia dos monopólios" - tornou-se a definitiva e a mais aperfeiçoada forma política da sociedade, somou-se ao ceticismo em relação ao comunismo. O culto do legalismo burguês, a mendicância pelas migalhas de participação que as classes dominantes concedem, o desprezo pela luta revolucionária e a negação da necessidade de uma vanguarda comunista constituem o elenco de repercussões políticas legadas pelo reformismo e pela tradição stalinista.

As revoltas operárias nos países do Leste, os impasses das "sociedades pós-revolucionárias", a opressão e a passividade das massas na URSS, passividade admitida pelo próprio PCUS, tudo isto, agregado à propaganda da reação, coloca para o militante comunista problemas novos e candentes. Bastaria referenciar aí a forte penetração entre a classe operária e as camadas populares das idéias autonomistas, das posições sociais-democratas, para não falar da tendência sempre presente à despolitização.

A luta pelo comunismo, assim, desvinculou-se da capacidade de apaixonar e, sabemos, nada de grandioso estará à altura do ser sem paixão. É preciso reconstruir esta luta através de uma ~~luta~~ ^{radicalização de posições} em favor da plenitude do indivíduo comunista, oposto ao ser alienado e lamuriante, mero objeto das relações sociais que lhe são hostis, e antagônico ao político "realista" que não tem sonhos nem energia para desdobrar em luta.

V - A NECESSIDADE DE CRIAR REFERENCIAIS COMUNISTAS DE MASSA

O cotidiano das massas populares está marcado pela desvalorização da po

revolucionária e política, rebaixado aos valores da ~~revolucionária~~ *sub-cultura do capitalismo.* As lideranças burguesas são projetadas ou desaparecem de acordo com as conveniências do momento. O modo de proceder das chamadas "elites", ~~seu~~ seu oportunismo, sua falsidade, corrupção e mesquinha, propõem um futuro onde a degradação, a ausência de ideais e as emoções vulgares passam a ser armas do controle político, instrumentos de destruição da vontade e estímulos à capitulação do sujeito.

A democracia burguesa, *apregoa* pelos ~~seus~~ meios *de comunicação e demais meios de* dominação e controle ideológico obriga entretanto que seja apresentada às massas uma certa diversidade. ~~de~~ Esta diversidade relativa, que mantém assegurada, no seu global, a hegemonia das concepções burguesas, gera, por outro lado, a possibilidade de que revolucionários comunistas possam enfrentar aspectos da luta ideológica no próprio terreno da burguesia - da cátedra à televisão - e ocupar espaços *grande* na imprensa e nos meios culturais. Isto, ao mesmo tempo em que criam, prioritariamente, seus instrumentos próprios e independentes de difusão e disputa político-ideológica. A construção destes referenciais por dentro, e principalmente por fora, dos aparatos da hegemonia burguesa é uma tarefa fundamental para o acúmulo estratégico de forças.

Para isso, é necessário ~~ter~~ ter não apenas uma política para *abrir* buscar e construir os espaços, como, igualmente, desenvolver um intenso trabalho nas fábricas, nos bairros, nas categorias profissionais, nas universidades, na juventude, etc, tendo claro que este trabalho só terá eficácia se articulado com uma ação organizativa *superior.*

A contraposição destes referenciais aos valores das classes dominantes traduz uma disputa pela hegemonia. Uma disputa que não ~~é~~ *seja* sustentada pela ilusão de que *superará* ~~seja~~ a dominação ideológica promovida pelo Estado e demais instituições *"oficiais"* ~~existem~~ sem a Revolução, mas que pretenda promover a estruturação de bolsões de massa, especialmente entre os operários, como verdadeiras trincheiras para a luta de classes.

A criação de um amplo movimento de intelectuais revolucionários, com ou sem partido, está inserida nesta *tarefa.* ~~estrutura~~ Sem a estruturação de muitos polos de cultura revolucionários, enquanto núcleos ~~avançados~~ avançados para o exercício do debate, da pesquisa e da formação intelectual, incluindo a arte, não haverá um estímulo à formação de quadros revolucionários, nem se conseguirá que líderes operários se tornem intelectuais orgânicos da classe operária.

VI - A CONSTRUÇÃO DO PARTIDO E A TEORIA DA REVOLUÇÃO

Pensar a revolução brasileira é pensá-la como parte integrante de um

processo histórico mundial cujas conexões foram exacerbadas na era dos monopólios. Os reflexos quase que imediatos de um momento agudo da luta de classes em qualquer parte do globo sobre os principais centros mundiais do capital; a integração política, econômica e cultural; as ações militares do imperialismo contra qualquer movimento revolucionário que possa desestabilizar minimamente o sistema capitalista mundial; o avanço das técnicas militares, etc..., tudo isso vincula de forma ainda mais estreita a revolução brasileira à Revolução mundial.

Assim como não somos da opinião de que seja impossível conquistar certas reformas sob o capitalismo, não sustentamos que a tomada do poder pela classe operária e seus aliados seja inviável nos limites de um único país. Mas entendemos, como internacionalistas que somos, que cada ato verdadeiramente revolucionário é um ato da Revolução mundial ⁶⁰ e ~~insere-se~~ num contexto histórico onde se exige a recuperação do internacionalismo proletário. Um internacionalismo que se afirme não apenas nas tão necessárias ações de solidariedade, mas que se consolide em atividades conjuntas dos revolucionários a nível ~~mundial~~ ^{internacional} se fortaleça no enfrentamento aos desafios da estruturação de uma ~~relação~~ relação orgânica entre os revolucionários comunistas dos diversos países ^{teoria e uma} que tenha como pressuposto uma política geral ^{válida para todo o mundo} ~~igualitária~~. Um internacionalismo que se baseie no entendimento de que a construção da sociedade comunista é uma tarefa necessariamente mundial.

Ao mesmo tempo, pensar a estratégia da Revolução brasileira é ^{explorar} ~~enquer~~ um conjunto de questões específicas, relacionadas ^{com a} nossa formação econômico-social: a importância das grandes cidades de concentração proletária; o papel das camadas semi-proletárias e desorganizadas; o destaque da luta no campo; a disputa pela hegemonia sobre as camadas médias mais empobrecidas e as que formam a chamada "opinião pública", etc... Pensar esta estratégia é propor uma política cultural revolucionária, é ^{ocupar} ~~ocupar~~ posições ali onde o discurso político tradicional não penetra. Pensar uma estratégia da Revolução é definir os veios fundamentais pelos quais flui o poder e indagar sobre como se processa a acumulação de forças capaz de colocar em xeque o próprio aparato militar do Estado, no plano em que se fizer necessário para a tomada do poder político. Um partido que não pensa no poder político para realizar um programa não merece o registro da História.

Neste quadro, dizer que defendemos os princípios leninistas de organização partidária é fundamental, mas absolutamente insuficiente, uma vez

que, desta forma, não ficam respondidas, no plano organizativo, as questões colocadas pela evolução capitalista, mormente nos últimos quarenta anos. Aos princípios básicos do partido estruturado com base na centralização democrática devemos agregar respostas a ~~questões~~ ^{problemas} ainda não enfrentadas no plano da teoria.

Como ~~o~~ ^o Partido reproduz amplamente sua política nesta situação de manipulação da informação e de impotência definitiva do artesanato? Como equacionar a necessária clandestinidade das estruturas orgânicas com a presença mais ampla de nossas posições na legalidade? Como responder às carências políticas presentes entre os "melhores filhos do povo"? Como responder às exigências de uma juventude a quem se pretende oferecer receitas de "bom comportamento" e conselhos "realistas" e a quem se procura condenar sempre que realiza a opção de acalantar seus sonhos ao invés de administrar seus tormentos?

É evidente que todos estes problemas não serão resolvidos em um Congresso. Mas eles estarão presentes em nossos horizontes a partir de agora. Afinal, reconhecer a sua importância e a sua radicalidade já é o primeiro passo para superá-los.

Com esta disposição, abrimos o período de preparação do III Congresso do Partido Revolucionário Comunista. No temário do Congresso propomos ^{assim} três grandes questões que, a partir desta convocatória, deverão mobilizar nosso debate: a) Linha geral da Revolução brasileira; b) Linha geral para a construção de um partido de vanguarda; c) as relações internacionais do PRC.

Estes são os pontos principais para onde nosso esforço de elaboração passa a se concentrar. Um esforço que, por certo, não prescindirá da mais aguda luta de idéias, do mais intenso debate interno. Esta é, afinal, a mais importante das nossas conquistas: a convicção de que não há partido na ausência da polêmica, de que não há movimento real sem a contradição, a divergência e a disputa de rumos.

O III Congresso está convocado.

Que a multiplicidade de opiniões arrebate todos os militantes; que nossas dúvidas e diferenças sejam conhecidas; que saibamos recolher as opiniões de nossos amigos e aliados; que saibamos aprender com as demais posições políticas de esquerda e com os ativistas do movimento operário e popular.

E que possamos, também, ensinar alguma coisa sobre o homem e sua grandeza. Talvez lembrando que, para o homem, a raiz é o próprio homem, e que é preciso ser radical se quisermos humanizar a nós próprios e construir uma

sociedade de indivíduos humanamente diversos, socialmente iguais e completamente livres.

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~